

Focalização em uma perspectiva tipológica

Focalization in a typological perspective

Rafael Berg Esteves Trianon¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo apresentar as diversas formas com as quais as línguas naturais focalizam constituintes, notadamente através dos três módulos da gramática responsáveis pela veiculação de sentido: sintaxe, morfologia e prosódia. Para ilustrar nossos argumentos, iremos adotar um pequeno conjunto de 19 línguas, areal e genealogicamente diversificadas. A abordagem adotada no artigo é influenciada pelos pressupostos da Gramática Gerativa (Chomsky, 2015 [1995]; 2001 dentre outros).

Palavras-chave: Focalização. Tipologia linguística. Estrutura informacional.

Abstract: The present study aims to present the various ways in which natural languages focus on constituents, notably through the three modules of grammar responsible for conveying meaning: syntax, morphology and prosody. To illustrate our arguments, we will adopt a small set of 19 languages, without areal or genealogical bias. The approach adopted by the article is influenced by the Generative Grammar (Chomsky, 2015 [1995]; 2001 among others).

Keywords: Focalization. Linguistic Typology. Informational Structure

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Endereço eletrônico: rafaeltrianon@letras.ufrj.br.

Introdução

Uma pergunta que todo linguista que trabalha com foco se faz (ou deveria se fazer) é: focalização é universal? Em outras palavras, todas as línguas naturais possuem alguma estratégia de focalização? Independentemente, contudo, do interesse (ou não) que um pesquisador tenha em Tipologia Linguística, essa pergunta é bastante relevante. Dentro dos pressupostos da Gramática Gerativa, essa questão ganha novos contornos: o Princípio da Uniformidade (Chomsky, 2001) afirma que “na ausência de evidência convincente, assume-se que as línguas são uniformes, com a variação restrita a propriedades facilmente detectáveis dos enunciados”. Assim, se as línguas são subjacentemente uniformes, e existe um mecanismo de marcação semântica como o foco, é necessário assumir que foco é uma categoria universal.

Em geral, a literatura linguística especializada apresenta uma imensidão de dados e estudos referentes a foco, com as mais diversas filiações teóricas. Exemplos disso são as discussões da vertente teórica conhecida como Cartografia Sintática (Belletti, 2004a; 2004b; Rizzi, 1997; Rizzi; Bocci, 2017, dentre outros). Mas, de maneira geral, a maioria dos trabalhos (pelo menos no âmbito da Gramática Gerativa) apresenta dados de línguas indo-europeias (espanhol, italiano, francês, português, inglês, alemão, holandês etc.), com algumas exceções (húngaro, línguas Gbe e Bantu, dentre outras). De acordo com Velupillai (2012), um *corpus* tendencioso pode levar a considerações de natureza equivocada, encarando como comuns alguns aspectos que, em contraste com conjuntos de dados mais neutros, se revelarão exatamente mais raros. No caso da literatura de foco, é flagrante o enviesamento bibliográfico, já que as análises sobre focalização geralmente se baseiam em línguas cujas descrições já estão bem estabelecidas e envolvem as línguas supracitadas, e um estudioso incauto pode facilmente ser levado à conclusão de que, por exemplo, a marcação de foco através de um morfema/partícula funcional de foco é algo muito raro, quando, na verdade, diversas línguas se utilizam dessa estratégia de marcação.

Esse estudo é uma tentativa de aumentar a nossa compreensão sobre uma provável universalidade da marcação de foco nas línguas naturais. Embora não seja nosso objetivo propor um extenso levantamento tipológico (nem poderia sê-lo, pois para tal seriam necessários muitos anos de pesquisa), pretendemos apresentar as possibilidades de marcação de foco das quais as línguas dispõem. No decorrer desse texto, iremos buscar, na medida do possível, dados de línguas não indo-europeias, na tentativa de apresentar um panorama mais geral do assunto.

As fontes de informação utilizadas nesse artigo são baseadas, majoritariamente, em análises depositadas em livros e artigos da área de Linguística. Todas as citações de dados estão referenciadas com a localização de sua obtenção. Quanto à identificação das línguas (sua filiação e distribuição areal), adotamos o seguinte padrão: todos os exemplos indicam o

nome da língua, a família à qual a língua pertence e seu ramo mais conhecido (exceto exemplos em português). Quanto à distribuição areal, indicamos diretamente no texto onde as línguas são faladas. No caso de línguas crioulas, indicamos o lexificador. Sublinhamos, ainda, que as informações genealógicas e areais foram retiradas do *Ethnologue* (Eberhard; Simons; Fennig, 2019).

O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos o conceito de foco dentro da literatura gerativista. Em seguida, apontaremos as principais estratégias de marcação de foco, fonológica, morfológica e sintaticamente, exemplificando cada uma das estratégias com as línguas estudadas. Por fim, discutiremos alguns casos de assimetria na marcação de foco, especialmente nas línguas Awing e Karitiana.

Algumas palavras sobre a definição de foco

O conceito de foco está bem longe de ser consenso na literatura. Por isso, se faz necessário que enquadremos de maneira satisfatória o que estamos considerando como sendo o foco de uma sentença. De maneira geral, as definições, atualmente adotadas para o termo, envolvem alguma medida de relação não pressuposicional: por exemplo, Jackendoff (1974, p. 220) afirma:

Como definições de trabalho, nós usaremos “foco de uma sentença” para denotar a informação na sentença que é assumida pelo falante como não sendo partilhada por ele e pelo ouvinte, e “pressuposição de uma sentença” para denotar a informação em uma sentença que é assumida pelo falante como sendo partilhada por ele e pelo ouvinte. (tradução nossa)

Semelhantemente, Lambrecht (1994, p. 213) assume que foco é “o componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada através da qual a asserção difere da pressuposição” (tradução nossa). O que ambas as definições têm em comum é o fato de que o foco é definido negativamente – i.e., por não ser alguma coisa: é o resultado da subtração da pressuposição. No entanto, a definição dada por Lambrecht possui uma ideia interessante: foco não é exclusivamente pragmático, mas também semântico. Dentro do arcabouço da Gramática Gerativa (Chomsky, 1981, 2015 [1995]), seria problemático propor uma solução formal (algo como um traço sintático) para uma entidade puramente pragmática. Por isso se faz importante definir qual é a natureza semântica *strictu sensu* do foco para que se passe a uma definição congruente com os pressupostos desse modelo teórico.

Uma solução para isso seria encarar o foco como o valor da variável presente em uma pressuposição. Dessa forma, na frase “Foi o João que comeu o bolo”, cujo foco é o DP “o João”, teríamos como pressuposição *x comeu o bolo*, e o foco, “o João”, é o constituinte que

satura o valor dessa variável². A fim de analisar as diversas estratégias de marcação de foco nas línguas analisadas, nos limitaremos a adotar a ideia usual e considerar foco como a parte não pressuposta de uma sentença.

Estratégias de marcação de foco

É possível agrupar as estratégias de marcação de foco em três grandes grupos: (1) marcação de foco prosódico; (2) marcação de foco sintático; e (3) marcação de foco morfossintático. Nas próximas páginas vamos apresentar cada um desses tipos de focalização e dar exemplos nas línguas pesquisadas. Esquematizando, podemos dividir os dados de marcação de foco aqui levantados da seguinte forma:

1. Focalização prosódica:
 - a. Curva entonacional específica
 - b. Fraseamento específico
2. Focalização sintática:
 - a. Clivagem
 - b. Fronteamento
3. Focalização morfossintática:
 - a. Morfema preso *ex situ*
 - b. Morfema preso *in situ*
 - c. Partícula *ex situ*
 - d. Partícula *in situ*

A marcação prosódica de foco envolve a manipulação da curva entonacional da sentença ou a reorganização dos constituintes prosódicos; a focalização sintática pode envolver estruturas específicas, como as clivadas e pseudoclivadas, e a reorganização da ordem dos constituintes na sentença; por fim, a focalização morfossintática envolve dois critérios: o uso de partículas ou morfemas presos a palavras e o deslocamento do constituinte focalizado para a periferia esquerda da sentença.

É importante notar que, de forma alguma, as línguas que serão mencionadas usam apenas um expediente para marcação de foco. De fato, é muito difícil haver uma língua que tenha apenas uma forma de codificação de foco, de modo que uma língua que tem estratégias prosódicas pode possuir estratégias sintáticas (geralmente com redundância de marcação usando as duas estratégias), ou uma língua com partículas e focalização *ex situ* pode possuir também focalização com partículas e o constituinte permanecer *in situ*. Ainda mais, é possível

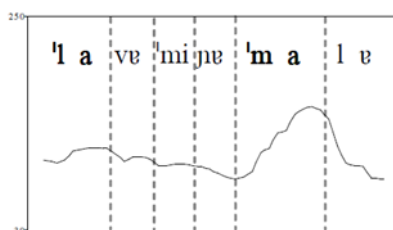
² Para uma discussão mais aprofundada sobre a noção semântica de foco, ver Trianon (2019).

que uma certa estratégia envolva outros processos, como reduplicação de um elemento (como veremos em alguns dados), o que significa que nem todas as línguas irão realizar uma mesma estratégia exatamente da mesma forma.

Foco prosódico

Não é incomum que as línguas utilizem estratégias prosódicas para marcação de informações relacionadas à força ilocucionária da sentença. Português, por exemplo, marca perguntas através de um movimento tonal característico:

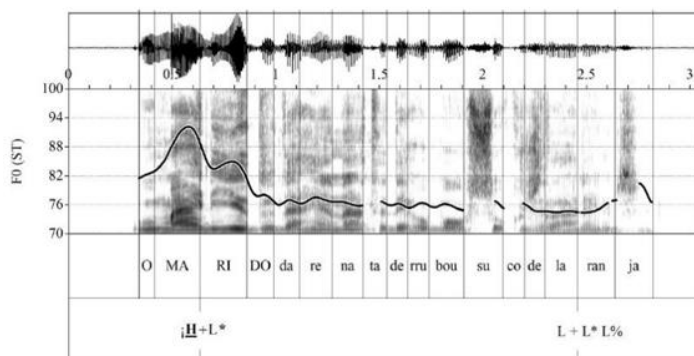
Figura 1 – Frase “Lava minha mala?” com entonação de pergunta



Fonte: Moraes e Colamarco (2007, p. 115).

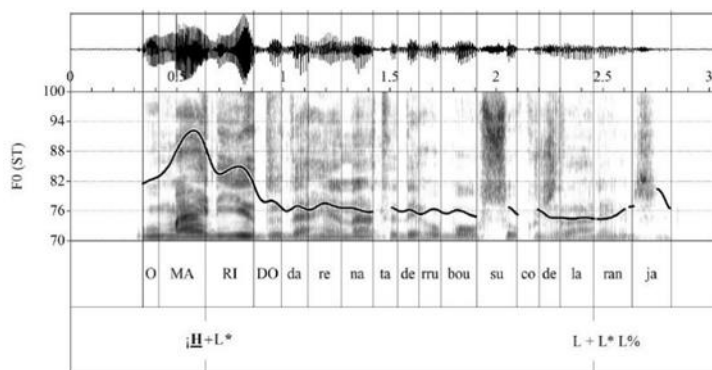
Na figura 1, vemos que a pergunta total “Lava minha mala?” é caracterizada por um início com tons mais baixos e um movimento tonal de subida na última sílaba tônica da frase. Em português brasileiro, essa é a forma mais natural de fazer tal tipo de interrogativa. Essa língua também é capaz de marcar foco através da prosódia. Carnaval (2017) apresentou um estudo demonstrando as principais estratégias prosódicas de marcação de foco em sentenças assertivas. A autora obteve como conclusão que a característica entoacional do foco prosódico em português está subordinada à estrutura prosódica da frase, mas que, fonologicamente, é possível encontrar dois padrões para a focalização, de acordo com o tipo de foco (se contrastivo ou informacional): embora ambos envolvam um padrão de movimento descendente na sílaba tônica da palavra focalizada, no foco contrastivo, a amplitude do movimento é maior do que no foco informacional, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Figura 2 – Frase “O MARIDO da Renata derrubou suco de laranja” com foco contrastivo em [O marido]



Fonte: Carnaval (2017, p. 136).

Figura 3 – Frase “O marido da Renata derrubou suco de laranja” com foco informacional em [O marido]



Fonte: Carnaval (2017, p. 134).

Embora seja bastante comum trabalhos apontarem que a focalização prosódica geralmente ocorre através da manipulação da curva de F0 (como o exemplo do português acima), nem todas as línguas se utilizam dessa estratégia prosódica para marcar foco. Chicheŵa, língua Niger-Congo falada em Malawi, marca o foco através da inclusão de uma fronteira prosódica na borda direita do constituinte focalizado, conforme apontado por Kanerva (1990 *apud* Gussenhoven, 1994, p. 94; glosas adaptadas)³:

(1) **Chicheŵa (Níger-Congo:Bantu)**

- a. [Anaményá nyumbá ndí mwalá dzúulo]φ
 'ele-acertou a-casa INSTR a-pedra ontem'
 'Ele acertou a casa com a pedra ontem'
- b. [Anaményá nyuúmba]φ [ndí mwáála]φ [dzuulo]φ
 ele-acertou a-casa INSTR a-pedra ontem'
 'Ele acertou a CASA com a pedra ontem'
- c. [Anaméenya]φ nyuúmba]φ [ndí mwáála]φ [dzuulo]φ
 'ele-acertou a-casa INSTR a-pedra ontem'
 'Ele ACERTOU a casa com a pedra ontem'

Em (1a), temos uma sentença com foco amplo (ou com foco no constituinte mais à direita), e o fraseamento indicado apresenta uma fronteira de sintagma fonológico na borda do VP, ao passo que os acentos tonais das palavras não sofrem modificação. Em (1b), quando o foco recai sobre *nyuúmbá* 'casa', ocorre a presença de uma fronteira de sintagma fonológico logo após o foco, o que é evidenciado, segundo o autor, pela alteração dos tons lexicais (indicados no exemplo pelo acento agudo) e por um processo de alongamento da penúltima sílaba (note a diferença na palavra *nyumbá* em (1a) e (1b), por exemplo). Assim, Chicheŵa

³ As glosas apresentadas nesse artigo foram adaptadas para que se mantivesse o padrão em todo o texto. No entanto, a adaptação das glosas respeitou ao máximo a análise presente nas fontes. Além disso, como as fontes estão em inglês, os itens lexicais foram traduzidos do inglês para o português.

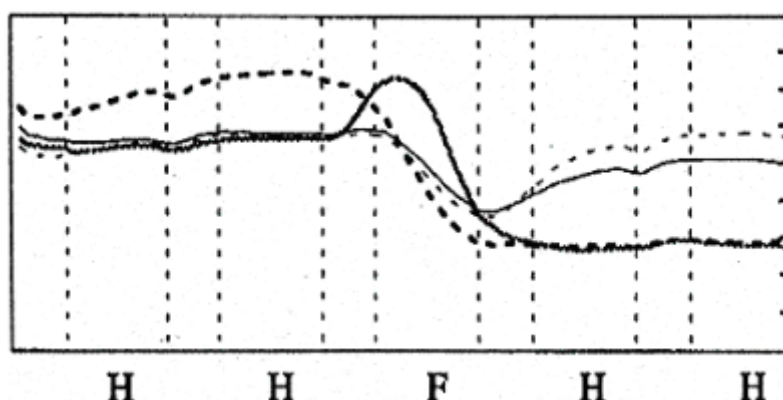
se vale de uma estratégia prosódica para marcação de foco, por manipular o fraseamento da sentença para indicar essa categoria⁴.

Sobre línguas tonais e marcação prosódica de foco, Hartmann (2008) discute a possibilidade de que línguas tonais expressem foco através da entonação. Porém, isso não se dá a partir da manipulação dos acentos tonais da frase, mas por um processo chamado de expansão de F0, com a acentuação de tons altos e a diminuição dos tons baixos. É o que ocorre em mandarim, conforme os exemplos a seguir deixam claro:

(2) **Mandarim (Sino-Tibetano:Chinês)**

a. H H F H H
māomī mài mǎomī
'gato vende gato'
'Kitty vende gato'

Figura 4 – Curvas entoacionais da frase (2). Linha normal: foco neutro; Linha tracejada: foco na palavra 1; Linha em negrito: foco na palavra 2; Linha pontilhada: foco na palavra 3.



Fonte: Xu (1999, p. 64 *apud* Hartmann, 2008, p. 421).

No exemplo da figura 4, percebe-se a marcação mais acentuada dos tons da focalização nas três palavras em relação à sentença neutra, exemplificando o processo de expansão de F0 adotado em mandarim.

Foco sintático

Além da marcação pela prosódia, o foco também pode ser evidenciado pela manipulação da ordem de palavras na frase ou por construções específicas (como clivadas). De maneira geral, as estratégias sintáticas para marcação de foco envolvem esses dois expedientes. Português também pode marcar foco pela sintaxe através de uma vasta gama de construções clivadas:

⁴ Para uma discussão mais profunda sobre fraseamento, indicamos o trabalho de Nespor e Vogel (1986).

- (3) a. Foi o bolo que o João comeu. (Clivada canônica)
b. O bolo foi que o João comeu. (Clivada invertida)
c. O que o João comeu foi o bolo. (Pseudoclivada canônica)
d. Foi o bolo o que o João comeu. (Pseudoclivada invertida)
e. O bolo foi o que o João comeu. (Pseudoclivada invertida c/foco pré-cópula)
f. O bolo que o João comeu. (Foco + que)

Inglês também apresenta construções clivadas, que recaem sobre três grandes grupos: *it-clefts*, *wh-clefts* e *reverse wh-clefts*, conforme exemplos em (3):

(4) **Inglês (Indo-Europeia:Germânica)**

- a. It's the economy that people are going to be voting on, come November of next year.
b. What people are going to be voting on, come November of next year, is the economy.
c. The economy is what people are going to be voting on, come November of next year.

(Hedberg; Fadden, 2007, p. 49)

Sentenças clivadas envolvem o encapsulamento do constituinte focalizado em uma estrutura formada por uma cópula + um complementizador (nos casos de clivadas canônicas – *it clefts*) ou uma cópula e uma sentença-wh (nos casos de pseudoclivadas – *wh-clefts*), podendo ainda ocorrer o apagamento da cópula (exemplificado em (3f)) ou a inversão da ordem cópula-foco (exemplificado em (3b), (3e) e (4c)). A maioria das línguas indo-europeias apresenta sentenças clivadas e/ou pseudoclivadas para marcação de foco, como exemplificado abaixo (cópula e complementizador / pronome-wh são indicados por sublinhado):

(5) **Francês (Indo-Europeia:Românica)**

- a. C'est le petit que est tombé dans l'escalier.
'Foi o menino que caiu da escada'

(Rialland, Doetjes, & rebuschi, 2002. Adaptado)

Italiano (Indo-Europeia:Românica)

- b. È la moglie che decide.
'É a mulher que decide'

(Garassino, 2014, p. 102)

Espanhol⁵ (Indo-Europeia:Românica)

c. Fue Juan quien dijo eso.
'Foi o João quem disse isso'

(Guitart, 1989, p. 129)

Alemão (Indo-Europeia:Germânica)

d. Es war ein Orangensaft, den Paula bestellt hat.
'Foi um suco de laranja que Paul pediu'

(Fischer, 2009, p. 169)

Hindi-Urdu (Indo:Europeia:Indo-Ariana)

e. Phone hai jo mez kii daayii taraf hai
telefone COP.PRS REL mesaGEN direito lado
COP.PRS

'É o telefone que está do lado direito da mesa'

(Manetta, 2011, p. 129)

Além de ser bastante comum nas línguas indo-europeias, construções clivadas também são estratégias de focalização em línguas de diversos outros ramos linguísticos. Húngaro, por exemplo, apresenta uma construção pseudoclivada para marcação de foco (além da conhecida mudança na ordem de constituintes, assunto bastante discutido em trabalhos como Kiss (1998)):

(6) Húngaro (Urálica:Úgrica)

Ami-t János nézett, az a Mona Lisa volt.
o.que-ACC João olhou.3SG que(DEM) ART Mona Lisa COP.PST
'O que o João estava olhando era a Mona Lisa'

(Hartmann; Hegedűs; Surányi, 2013, p. 68)

No exemplo (6), percebemos que a clivagem se dá pela presença de uma sentença-*wh* (*amit János nézett*), um demonstrativo (*az*), o foco (Mona Lisa) e a cópula (*volt*). É interessante notar que essa sentença não possui correlato em nenhum dos exemplos das línguas românicas dados acima, já que em nenhum dos casos temos uma pseudoclivada canônica (com a sentença *wh* no início) seguida da ordem foco+cópula.

Outra língua não indo-europeia que apresenta sentenças clivadas é Tar B'arma, língua Nilo-Saariana falada no Chade. Essa língua, dentre várias formas de marcação de foco, possui sentenças pseudoclivadas (*wh clefts*), como demonstrado a seguir:

(7) Tar B'arma (Nilo-Saara:Bagirmi)

Ngab ga 1áj ndugo kro ná, née Ø Boukar
pessoa REL FOC PFV.comprar mula DET
3SG COP Boukar
'A pessoa que comprou a mula foi Boukar'

⁵ Embora Guitart não aponte nada nesse sentido, aparentemente espanhol não permite clivadas canônicas (com a presença de um legítimo complementizador *que*), exceto em casos nos quais o foco é um PP.

(Jacob, 2010, p. 135; glosas adaptadas)

Na sentença (7), o foco é *Boukar*, que está posposto à sentença-wh encabeçada pela sequência *ngab ga* (lit. “a pessoa que”). Jacob ainda afirma que o SN que precede o relativizador *ga* é sempre uma palavra genérica que indica a classe semântica do foco (*ngab* ‘pessoa’ para foco [+humano]; *ngas* ‘coisa’ para foco de argumentos [-humano]; *gota* ‘lugar’ para foco locativo e *ndjiá* ‘dia’ para foco temporal). Podemos dizer, então, que essa sequência cumpre o papel de um pronome-wh. Quanto à cópula (indicada pela autora por \emptyset no exemplo), embora não esteja expressa, a autora argumenta que, em Tar B’arma geralmente se omite a cópula em predicacões não verbais, o que nos evidencia que a cópula faça parte da estrutura da sentença, embora não pronunciada. Ainda é notável que, mesmo com a clivada, a sentença (7) necessita do marcador de foco *1áj*, presente após o relativizador.

Além de processos de clivagem, as línguas podem manipular a ordem de constituintes para indicar focalização através de um processo conhecido como fronteamento, que envolve o movimento do constituinte focalizado para a periferia esquerda da sentença. Português pode usar esse expediente quando o foco não é o sujeito, como demonstrado a seguir:

- (8) a. O BOLO o João comeu na casa da Joana.
b. NA CASA DA JOANA o João comeu o bolo.

É interessante notar que o fronteamento em português necessita de marcação redundante através da prosódia, já que, quando o constituinte é deslocado à esquerda, é possível que seja tanto fronteamento para focalização como um processo de topicalização:

- (9) a. O bolo, o João comeu na casa da Joana.
b. Na casa da Joana, o João comeu o bolo.

A única diferença entre tanto (8a) e (9a) quanto (8b) e (9b) é a prosódia: os exemplos em (8) possuem uma prosódia característica de focalização, e as sentenças em (9) apresentam prosódia típica de topicalização (indicada pela vírgula).

No entanto, há línguas em que a anteposição do constituinte não depende de marcação prosódica, de modo que apenas o fronteamento já indica a informação de focalização. Esse é o caso do siciliano, dialeto do italiano falado na ilha da Sicília. Segundo Cruschina (2011), o deslocamento de constituintes para a periferia esquerda da sentença, quando não há retomada por clítico, sempre envolve focalização, como no exemplo abaixo:

- (10) **Siciliano (Indo-Europeia:Românica)**
N’articulu scrissi

ART=artigo escrever.PST.1SG
'Escrevi um artigo'

(Cruschina, 2011, p. 25; glosas adaptadas)

No exemplo, o movimento do objeto para a periferia esquerda da frase não resulta na inclusão de um pronome resumptivo e necessariamente envolve uma interpretação de foco. Caso o clítico ocorresse (e a frase fosse *N'articulu u scrissi*), não seria possível a interpretação como foco do sintagma *n'articulu*.

Outro exemplo é Hausa, língua chádica falada na Nigéria. Essa língua apresenta a possibilidade de marcação de foco através do deslocamento do foco para a periferia esquerda da sentença, como podemos ver no conjunto de dados abaixo:

(11) **Hausa (Afro-Asiática:Chádica)**

a. Kànde cèe ta-kèe dafà kiifii.
Kande PRT 3SG-REL.CONT cozinhando peixe
'KANDE está cozinhando peixe'

b. Kiifii nèe Kande ta-kèe dafàa-waa.
peixe PRT Kande 3SG-REL.CONT cozinhar-NMLZ
'Kande está cozinhando PEIXE'

c. Dà wukaa nèe ya sòokee shì.
INSTR faca PRT 3SG.REL.PFV esfaquear 3SG
'Ele o esfaqueou COM UMA FACA'

(Hartmann; Zimmermann, 2007, p. 367–368; glosas adaptadas)

Como se pode ver, a marcação de foco em Hausa é feita através do movimento do foco para uma posição à esquerda da sentença. Como defendido por Hartmann e Zimmermann (2007), a partícula *nèe* é opcional nos contextos de focalização, o que indica que não é ela *per se* a responsável pela marcação de foco⁶.

Foco morfossintático

A diferença entre expedientes sintáticos e morfossintáticos de marcação de foco é que o segundo grupo envolve o uso de algum morfema, que pode ou não estar incorporado à morfologia da palavra (i.e., pode ser um formativo ou uma partícula), sendo a principal responsável pela veiculação da informação focal. Nos exemplos dados na seção anterior, de expedientes sintáticos, a focalização não é feita por apenas um formativo, mas envolve um processo sintático, seja uma construção específica (clivagem), seja pelo simples movimento

⁶ De fato, as autoras defendem que essa partícula seja um indicador de exaustividade. Em outro lugar (Trianon, 2019), defendemos que a informação semântica relevante para a focalização (que justificaria o movimento sintático) é justamente a exaustividade. No entanto, deixaremos essa discussão para outra oportunidade, e manteremos nossa assunção de considerar foco como a parte não pressuposta da sentença.

do constituinte. Nas estratégias morfossintáticas, é necessária a presença de um elemento específico para a veiculação de foco, podendo ou não apresentar também movimento de constituinte para uma posição específica. Assim, podemos dividir as estratégias de marcação morfossintática de foco em estratégias *ex situ* (com movimento) e estratégias *in situ* (sem movimento). E cada uma dessas categorias pode envolver tanto um morfema preso como uma partícula morfológicamente solta do foco.

No primeiro grupo, temos, além do morfema/partícula de foco, o movimento do constituinte focalizado para fora de sua posição natural na língua. Um exemplo de língua dessa natureza é Karitiana, língua do tronco Tupi falada no Brasil. Essa língua, segundo Storto (2014), possui dois marcadores de foco (-a, usado em sentenças declarativas, e -ti, usado em sentenças não-declarativas – interrogativas, negação e encaixadas), que são realizados como parte da morfologia verbal e aparecem apenas na focalização de objeto (na seção seguinte falaremos mais sobre assimetrias em focalização⁷):

(12) **Karitiana (Tupi:Arikem)**

him Ø-a-ta-ompong-Ø osiip
 presa3-FOC-DECL-atordoar-NFUT osiip
 'Osiip atordoou A PRESA

(Storto, 2014, p. 173; glosas adaptadas)

No exemplo (12), podemos ver a focalização do objeto him 'presa' através do movimento para a periferia esquerda, aliado à inclusão do morfema -a- à morfologia verbal, seguindo a marca de 3ª pessoa (não pronunciada nesse caso). No *corpus* analisado por Storto, há apenas um dado de focalização com -ti, mas é uma sentença clivada:

(13) **Karitiana (Tupi:Arikem)**

a Ø-na-aka-t yjxa ti-i-oky-t
 DEM 3-DECL-COP-NFUT 1PL FOC-PART-matar-ABS.COP.AGR
 'AQUELA (presa) é que nós matamos'

(Storto, 2014, p. 174; glosas adaptadas)

No exemplo (13), a cópula *aka* encapsula o foco (o demonstrativo *a*), separando-o da sentença principal, nucleada pelo verbo *oky* 'matar'. O verbo principal (ligado ao foco através do morfema de absolutivo -t, que, além de indexar argumento objeto, possui algum tipo de ligação com a cópula⁸) e recebe a marca -ti de focalização, indicando que apenas a presença da cópula na clivada não é capaz de veicular a informação de foco.

⁷ Ver Trianon (2023) para uma análise da focalização em Karitiana.

⁸ Storto chama esse morfema de concordância copular absoluta (*absolute copular agreement*).

As línguas da família Tuu (faladas no sul da África) também possuem um tipo de focalização morfossintática com movimento do foco, embora utilizando uma partícula, como exemplificado com o dado da língua N|uu:

(14) **N|uu (Tuu: !Ui)**

a. tyui xae |aeki glabi n|a
o.que Q mulher viaja INSTR
'Com o que a mulher viaja?'

b. haasi ke ku glabi n|a
cavalo FOC 3SG viaja INSTR
'Ela viaja a cavalo'

(Güldemann, 2010, p. 74; glosas adaptadas)

Em (14b), vemos que o foco *haasi* 'cavalo' está disposto à esquerda da sentença, seguido da partícula *ke* de marcação de foco⁹. Como a ordem canônica em N|uu é SVO e adjuntos adverbiais geralmente são colocados à direita, podemos afirmar que houve o deslocamento do adjunto para a periferia esquerda da sentença. O movimento também é claro pelo fato de não ter ocorrido o *pied piping* da preposição *n|a*, que permanece *in situ* .

Uma língua de focalização morfossintática com realização de morfema e sem movimento de foco é o malaio do Sri Lanka, língua crioula de base malaia falada no Sri Lanka. Vejamos os exemplos:

(15) **Malaio do Sri Lanka (Crioulo:Malaio)**

a. (enquanto o rei estava planejando enganar Andare)
raaja=jo su-jaadi enco
rei=FOC PST-ser.enganado
'o REI (próprio) foi enganado'

b. (Agora que fizemos tudo isso,)
siini=jo ara-duuduk
aqui=FOC PRS-ficar
'nós ficamos AQUI'

c. (começo do discurso)
kithang Kandy-ka=jo
1PL Kandy-LOC=FOC
'Nós somos DE KANDY'

(Smit, 2010, p. 242; contextos traduzidos)

⁹ Perceba a semelhança dessa sentença com a sentença de foco+que do português do Brasil apresentada em (2f). De fato, Güldemann considera essa construção como uma clivagem. No entanto, não nos parece possível assumir que, no caso de N|uu haja o apagamento da cópula, o que dificultaria uma análise de clivagem. Com os dados aos quais temos acesso, é mais plausível que se categorize sentenças como (13b) como focalização morfossintática – embora haja dados de outras línguas Tuu apontadas por Güldemann que podem ser analisados como clivadas, pois apresentam uma cópula.

Podemos notar que, no crioulo malaio do Sri Lanka, o morfema *jo* se cliticiza ao constituinte focalizado, mas não há movimento do foco para nenhuma posição especial, permanecendo *in situ*¹⁰.

Uma outra língua de focalização morfológica *in situ* com características interessantes é Tswana, língua Bantu falada em Botswana. Como veremos nos exemplos a seguir, essa língua se utiliza do morfema aplicativo para marcar foco locativo em construções nas quais tal morfema não é obrigatório¹¹:

(16) **Tswana (Níger-Congo:Bantu)**

a. Ke- tlaa-tabog-a ko tsele-ng
1SG-FUT -correr-FIN PREP CL9.estrada-LOC
'Eu vou correr na estrada'

a. Ke- tlaa-tabog-el-a ko tsele-ng
1SG-FUT -correr- APPL-FIN PREP CL9.estrada-LOC
'Eu vou correr para a estrada'

(Creissels, 2004, p. 11; glosas adaptadas)

No exemplo (16), temos uma diferença de significado com o uso do aplicativo: em (16a), a interpretação do papel semântico de *tsele* 'estrada' é de locativo, indicando o local onde se dará o evento de correr. Já em (16b), a presença do morfema aplicativo indica uma mudança no papel semântico da palavra: agora a estrada é a direção do movimento (alvo). No entanto, Creissels (2004) aponta que existe uma ambiguidade na interpretação de (16b): *tsele* pode ser interpretado tanto como o alvo de correr como o foco da sentença (no sentido de que a corrida se dará na estrada e em nenhum outro lugar). Note que não há mudança na ordem dos constituintes (que, segundo Creissels, é muito rígida quanto aos argumentos internos do verbo em Tswana). Também é digno de nota que o morfema interpretado como foco não faz parte da estrutura do foco, mas sim do verbo.

Por fim, para exemplificarmos línguas com focalização morfológica via partícula *in situ*, ou seja, sem o movimento do foco de sua posição canônica, temos o Persa, língua Indo-Iraniana falada na Pérsia. Além de expedientes fonológicos (manipulação da curva entonacional) e sintáticos (clivagem), o Persa se utiliza de partículas marcadoras de foco (segundo Fatahi et al. (2013)). Vejamos os exemplos:

¹⁰ Embora possamos dizer que o morfema enclítico *jo* nesse caso seja morfológico, o ideal seria encontrar uma língua em que o morfema de foco seja de fato preso à estrutura da palavra (e não seja resultado de um processo de cliticização). No entanto, não encontramos tal tipo de língua (todas as línguas encontradas com essa característica também envolviam movimento do foco para uma posição fora do *default*), o que é uma questão interessante de ser analisada posteriormente. A única exceção encontrada (que não seria bem uma exceção) é Tswana, como veremos.

¹¹ Segundo Creissels (2004, p. 13), a forma *default* de focalização em Tswana é clivagem. Por isso, podemos deduzir que a focalização dos demais argumentos se dá por essa construção.

(17) **Persa (Indo-Europeia:Indo-Iraniana)**

a. Mæn ke ketab-o be Ali ne-midæm
 1SG FOC livro-OBJ PREP Ali NEG-dar.1SG
 ‘Eu não dei o livro para Ali’

b. Mæn ketab-o ke be Ali ne-midæm
 1SG livro-OBJ FOC PREP Ali NEG-dar.1SG
 ‘Eu não dei O LIVRO para Ali’

c. Mæn ketab-o be Ali ke ne-midæm
 1SG livro-OBJ PREP Ali FOC NEG-dar.1SG
 ‘Eu não dei o livro para Ali’

d. Mæn ketab-o be Ali ne-midæm ke
 1SG livro-OBJ PREP Ali NEG-dar.1SG FOC
 ‘Eu não DEI o livro para Ali’

(Fatahi *et al.*, 2013, p. 176; glosas adaptadas)¹²

Os pares-mínimos em (17) deixam claro que a partícula *ke* em Persa envolve focalização e não requer que o constituinte focalizado se mova de sua posição canônica. Oroji e Rezaei (2013) consideram, de fato, que o movimento para a periferia esquerda nessa língua tem o propósito de marcar *aboutness* – o tópico sentencial da frase.

Assimetrias em focalização

Várias línguas apresentam formas diferentes de focalizar constituintes a depender da natureza do constituinte focalizado. Uma das assimetrias mais conhecidas se dá entre sujeito e objeto, sendo o sujeito o constituinte marcado de forma diferente. Um exemplo de língua com essa característica é Awing, língua Bantu falada em Camarões. Nessa língua, há uma partícula específica para foco (*lé*), normalmente preposta ao foco *in situ*. No entanto, quando o foco é o sujeito da sentença, a focalização é diferente: o morfema aparece preposto ao verbo e o sujeito é posposto ao verbo¹³, sendo que nesse caso, ou o verbo sofre reduplicação (18b) ou o objeto passa para a posição preposta ao verbo (18c):

(18) **Awing (Níger-Congo:Bantu)**

a. Ngwe a-nə-m-fónjə lé aŋwa'ré-əsé
 Ngwe SUBJ-RECPST2-N-ler FOC livro-deus
 ‘Ngwe leu A BÍBLIA’

b. Lé pe'-m-fónjə Ngwe fónjə aŋwa'ré
 FOC RECPST1-N-ler Ngwe ler livro
 NGWE leu o livro

¹² Fatahi *et al.* propõem uma glosa que dá a entender que a partícula *-ke* faz parte da estrutura morfológica dos constituintes. Mas analisando outros dados e análises (como Oroji; Rezaei, 2013), nos parece mais adequado glosar de um modo que *ke* seja interpretado como uma partícula (no máximo cliticizada).

¹³ Awing é uma língua SVO.

c. Aṅwa'ré lé pe'-m-‘fóŋə Ngwe
livro FOC RECPST1-N-ler Ngwe
NGWE leu o livro

(Fominyam; Šimík, 2017, pp. 14–15; glosas adaptadas)

Vemos claramente nos exemplos em (18) que a focalização de sujeito se comporta de maneira bastante diferente da focalização de objeto, exemplificando um tipo de assimetria sujeito-objeto quanto à focalização.

Embora a assimetria entre sujeito e objeto seja comum, temos exemplos de línguas nas quais há um diferente tipo de assimetria. Como sugerido na seção anterior, Karitiana é uma língua que apresenta duas estratégias de focalização diferentes a depender se o foco é ou não o objeto da sentença. Apenas a focalização de objeto apresenta o morfema de foco incorporado à morfologia verbal: nos demais casos (focalização de sujeito e de adjuntos), o morfema não aparece, de modo que a focalização é marcada apenas pelo fronteamento¹⁴:

(19) **Karitiana (Tupi:Arikem)**

a. kytop i-a-'y-t
chicha 3-PASS-drink-NFUT
'É/FOI CHICHA que é/foi bebida' (lit. 'CHICHA é/foi bebida')

b. napisỹ pip i-m-kikĩ popi-t
flechas.com.ganchos POSP 3-CAUS-chorar morrer.PL-OBL

Ø-na-m-'a-t keerep him
3-acostumar-CAUS-fazer-NFUT nos.velhos.tempos presa

'Foi COM FLECHAS COM GANCHOS que a presa foi feita para morrer chorando'
(Storto, 2014, pp. 175–176; glosas adaptadas)

c. epesap popok ŷn ti-hĩřã-t
'folha' 'louco' 1.SG FOC-'cheirar'-NFUT
Eu fumei MACONHA (lit. 'folha louca')

(Everett, 2008, p. 28)

No dado em (19c) percebe-se a inclusão de um morfema marcador de foco *ti* como prefixo ao verbo no caso de focalização do objeto, o que não ocorre em (19a-b), quando o foco recai, respectivamente, sobre o sujeito e sobre o adjunto. Vivanco (2018) propõe que *ti* seja uma espécie de clítico, que assume, junto ao elemento focalizado, uma estrutura de redobro de clítico, não sendo, portanto um marcador de foco. Trianon (2023) defende a ideia de que *ti* é um morfema de voz inversa, e *ti* nada mais é do que um epifenômeno da

¹⁴ Segundo Storto, o fronteamento no caso de sujeitos pode ser indiretamente evidenciado pela inaceitabilidade da ordem VS em contextos de passivas (a ordem *default* nesses casos).

focalização, consequência do movimento obrigatório do foco de objeto, que ocorre também em outros contextos e não tem relação direta com o marcador de foco – que, em karitiana, seria um elemento não pronunciado.

Considerações finais

O objetivo deste texto foi apresentar as opções das quais as línguas dispõem para marcação de foco. Vimos que há três grandes grupos de expedientes linguísticos para tal: marcação de foco prosódico, que manipula a estrutura entonacional da sentença ou seu fraseamento; marcação de foco sintático, que envolve alteração da ordem de constituintes das frases ou o emprego de construções especializadas para tal (clivagem); e marcação de foco morfossintático, que utiliza morfemas presos ou soltos com escopo sobre o constituinte focalizado, podendo ou não haver marcação redundante através de movimento do constituinte foco para uma posição não canônica.

Voltando à questão que abre o artigo, os pressupostos da Gramática Gerativa envolvem a ideia de que categorias gramaticais precisam ser universais, e, como o foco parece ser uma dessas categorias, deveria ser atestado em todas as línguas humanas. O fato de não termos encontrado nenhuma língua que não disponha de nenhuma forma de marcação de foco aponta exatamente para essa conclusão. Porém, para fornecer mais evidência em direção a essa conclusão, o ideal é o empreendimento de um estudo tipológico exaustivo sobre como a categoria foco se manifesta em um *corpus* mais extenso.

Algumas questões ficam para ser respondidas em estudos posteriores. A primeira delas diz respeito à possibilidade de haver algum tipo de correlação entre as estratégias de marcação de foco e outras características tipológicas das línguas. Por exemplo, é possível testar a hipótese de que línguas tonais geralmente apresentam estratégias morfossintáticas de marcação de foco. A ausência da possibilidade de marcação de foco por entonação (à exceção da expansão de F0 já apresentada) seria uma motivação para que a língua adote estratégias dessa natureza. Outra questão a ser debatida é se existem línguas em que a focalização seja marcada apenas pela prosódia. As línguas aqui analisadas que possuem focalização prosódica (todas as línguas românicas e germânicas), além de possuírem focalização via prosódia, também possuem focalização sintática (clivagem ou fracionamento). É possível que haja línguas que marquem foco apenas e exclusivamente pela prosódia? Estudos mais aprofundados podem aferir essa questão. Tal empreendimento poderia contribuir abundantemente para os estudos linguísticos.

Referências

- BELLETTI, A. Structures and beyond: The cartography of syntactic structures. In: BELLETTI, A. (ed.). **The Cartography of Syntactic Structures**. vol. 3. New York: Oxford University Press, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2008.0047>.
- BELLETTI, A. Aspects of the Low IP Area. In: RIZZI, L. (ed.). **The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures**. vol. 2. New York: Oxford University Press, 2004.
- CARNAVAL, M. **Foco informacional e foco contrastivo no Português do Brasil: uma abordagem prosódica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). **Ken Hale: a life in language**. MIT Press, 2001.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 2015.
- CREISSELS, D. Non-canonical applicatives and focalization in Tswana. **Proceedings of Syntax of the World's Languages (SWL 1)**, Leipzig, 5-8 August 2004, n. August, p. 1–22, 2004.
- CRUSCHINA, S. **Discourse-Related Features and Functional Projections**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- EBERHARD, D. M.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-second edition. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 31 jul. 2019.
- FATAHI, F.; OROJI, M. R.; RAHBARIAN, S. Focalization and Focus Representations in Persian. **Frontiers of Language and Teaching**, v. 4, n. January, 2013.
- FISCHER, K. Cleft sentences: Form, function, and translation. **Journal of Germanic Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 167–191, 2009.
- FOMINYAM, H.; ŠIMÍK, R. The morphosyntax of exhaustive focus: A view from Awing (Grassfields Bantu). **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 35. p. 1027–1077, 2017.
- GARASSINO, D. **Cleft sentences: Italian-English in contrast. Frequency, forms and functions of cleft constructions in Romance and Germanic: contrastive, corpus-based studies**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014.
- GUITART, J. M. On Spanish cleft sentences. In: KIRSCHNER, C.; DECESARIS, J. (ed.). **Studies in Romance Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1989. p. 129–137.
- GÜLDEMANN, T. The relation between focus and theicity in the Tuu family. In: FIEDLER, I.; SCHWARZ, A. (ed.). **The expression of information structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.
- HARTMANN, K. Focus and tone. **Acta Linguistica Hungarica**, v. 55, n. 3–4, p. 415–426, 2008.

HARTMANN, J. M.; HEGEDŰS, V.; SURÁNYI, B. Pseudoclefts in Hungarian. In: BRANDTLER, J.; MOLNÁR, V.; PLATZACK, C. (ed.). **Approaches to Hungarian: papers from the 2011 Lund conference**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013.

HARTMANN, K.; ZIMMERMANN, M. In place - out of place? Focus strategies in Hausa. In: SCHWABE, K.; WINKLER, S. (ed.). **On information structure, meaning and form**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

HEDBERG, N.; FADDEN, L. The information structure of it-clefts, wh-clefts and reverse wh-clefts in English. In: HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. (ed.). **The Grammar-Pragmatics Interface: essays in honor of Jeanette K. Gundel**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 49–76.

JACKENDOFF, R. S. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1974.

JACOB, P. On the obligatoriness of focus marking. In: FIEDLER, I.; SCHWARZ, A. (ed.). **The expression of information structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.

KANERVA, J. Focusing on phonological phrases in Chicheŵa. In: INKELAS, S.; ZEC, D. (ed.). **The Phonology-Syntax Connection**. Chicago: Chicago University Press, 1990. p. 145–161.

KISS, K. É. Identificational focus versus information focus. **Language**, v. 74, n. 2, p. 245–273, 1998.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MANETTA, E. **Peripheries in Kashmiri and Hindi-Urdu**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

MORAES, J. A. DE; COLAMARCO, M. Você está pedindo ou perguntando? Uma análise entonacional de pedidos e perguntas no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 15, n. 2, p. 113–126, 2007.

NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic phonology: with a new foreword. **Studies in Generative Grammar**, 1986.

OROJI, M. R.; REZAEI, A. Exploring ‘ ke ’ as a Focus Particle in Persian from both Form and Function Points of View. **Australian Journal of Linguistics**, v. 33, n. 1, p. 76–84, 2013.

RIALLAND, A.; DOETJES, J.; REBUSCHI, G. What is Focused in C'est XP qui/que Cleft Sentences in French ? **Speech Prosody 2002**, p. 595–598, 2002.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). **Elements of Grammar**. Amsterdam: Springer Netherlands, 1997. p. 281–337.

RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause – Primarily illustrated for Italian. In **Blackwell Companion to Syntax, II edition**. Oxford: Blackwell Publishers, 2017.

SMIT, N. **FYI. Theory and typology of information packaging**. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, 2010.

STORTO, L. R. Constituent order and information structure in Karitiana. In: GIJN, R. VAN *et al.* (ed.). **Information structure and reference tracking in complex sentences**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014.

TRIANON, R. B. E. **Focalização in situ no português do Brasil**: sintaxe, semântica e prosódia. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TRIANON, R. B. E. **Focalização morfológica**: uma análise translinguística. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

Sobre o autor

Rafael Berg Esteves Trianon

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6985-5096>

Bacharel em Letras, mestre e doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor substituto no Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ.

Recebido em janeiro de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.